

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES: UMA ANÁLISE DO VERBO ANDAR

Antônio Marcos Feitosa Gomes ¹
Aline Cristina Flávio da Silva ²

RESUMO

Esta pesquisa encontra-se em andamento, temos aqui um recorte que se propõe uma neoanálise, sob ótica da gramática de construções. Entende-se por neoanálise toda mudança na língua. Cabe ressaltar que a gramática de construções é um campo de estudos vinculada à linguística funcional em que permite perceber de que forma, pelo uso, bem como a frequência do uso, as formas gramaticais se transformam ao longo do tempo. Tem como objetivo geral analisar os diversos sentidos do verbo andar, numa abordagem funcionalista, pois considera a língua em uso. Diante disso, esta investigação pretende responder à seguinte pergunta de pesquisa: Por que o falante do português brasileiro, dão significados distintos ao verbo andar? A problemática desta pesquisa se constitui em identificar, a partir da abordagem teórica da gramática de construções algumas variações do verbo “andar”. A relevância do estudo está em se compreender a evolução do emprego do verbo “andar” ao longo do tempo. Para tanto, faz-se uso de uma metodologia quali-quantitativa, conhecida como abordagem mista. Frequentou-se o site Corpus do Português com o propósito de se encontrar exemplos que permitissem identificar de que forma, pelo processo de Metaforização e (inter)subjetivação o verbo “andar” sofreu um processo de abstratização. Como resultado, percebeu-se inicialmente ao menos cinco tipos diferentes de emprego do verbo “andar. Logo, é importante asseverar, que os resultados ainda estão sendo analisados, pois a pesquisa está em desenvolvimento.

Palavras-chave: Gramática de Construções, Metaforização, Abstratização, Andar.

INTRODUÇÃO

A gramaticalização é um processo de mudança linguística no qual novas formas são criadas para funções pré-existentes ou novas funções são atribuídas a formas já existentes no sistema linguístico. Embora tenha surgido no século X na China, a gramaticalização ganhou destaque nos estudos linguísticos apenas no século XX, principalmente a partir da década de 1980 (Oliveira, 2016).

O termo foi introduzido por Antonie Meillet em 1912, definindo-o como a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma. A partir dessa definição, diversos estudos se basearam em uma perspectiva que concebe a gramaticalização como um processo

¹ Doutorando do Curso de Doutorado em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, marcosmestrepportugues@gmail.com;

² Doutoranda do Curso de Doutorado em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG, aline.flavio@estudante.ufjf.br

de mudança no qual itens lexicais se transformam em itens gramaticais (Oliveira, 2016).

No entanto, outros estudos, como Traugott e Trousdale (2013), passaram a defender que não é necessária a presença de um material lexical para que o processo de gramaticalização ocorra. Essa perspectiva considera que a mudança pode partir de um material gramatical para outro com uma função ainda mais gramatical. Sendo assim, a gramaticalização é o processo pelo qual elementos de conteúdo lexical se desenvolvem ao longo do tempo para elementos de conteúdo gramatical, e se já são gramaticais, se tornam ainda mais gramaticais.

Além da mudança categorial, algumas pesquisas (Traugott; Trousdale, 2013) têm explorado questões cognitivas, pragmáticas e discursivas subjacentes a esse processo. Alguns estudos destacam o papel da metáfora na gramaticalização, argumentando que ela é motivada pragmaticamente e desempenha uma função gramatical.

Outros pesquisadores, lembra Oliveira (2016), destacam o papel do elemento discursivo na mudança linguística, argumentando que a gramaticalização parte do discurso para a morfossintaxe. Além disso, alguns estudos (conforme a mesma autora) apontam que as novas construções da língua passam a codificar cada vez mais a expressividade do falante, ou seja, sua subjetividade. Essa perspectiva considera que nenhum nível da gramática é autônomo ou central e busca não separar os aspectos estruturais dos aspectos semântico-pragmáticos. Por fim, lembra a autora, estudos mais recentes têm observado os ambientes linguísticos que proporcionam determinados usos, ou seja, têm procurado alinhar padrões construcionais a padrões de uso.

O conceito de construção, como entendido neste artigo, deriva da Gramática das Construções (Oliveira, 2016), que foi principalmente desenvolvida no campo da Linguística Cognitiva. Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções são "correspondências entre forma e significado" e são consideradas as unidades básicas e centrais da linguagem. Além disso, os mesmos autores defendem que as construções são unidades simbólicas e convencionais. Portanto, as construções são sinais, ou seja, associações de forma e sentido (idiossincráticas e frequentes), compartilhadas por um grupo de usuários. Assim, sendo uma unidade convencionalizada, podem ser, também, compreendidas como um bloco automatizado, rotinizado, armazenado e ativado pelo usuário da linguagem.

Este artigo se justifica pela necessidade de se compreender de que forma ocorrem mudanças construcionais no verbo "andar". Uma análise mais detida acerca da forma como se utiliza o verbo, permite que se identifique as transformações de tal verbo que se dão por meio da Metaforização. Na verdade, é possível que se compreenda os diferentes usos dados ao verbo justamente por meio do exame do seu percurso histórico. Há já alguns trabalhos nesta área,

como é o caso da dissertação de mestrado de Oliveira (2018) ou, ainda, na dissertação de Fernandes (2012).

Neste contexto é de grande importância o conceito de Metaforização de que se vai tratar adiante. Antes, contudo, esclarece-se que o presente artigo se insere no contexto dos estudos da gramática construcional. Trata-se, então, de pesquisa de abordagem quali-quantitativa que, do ponto de vista operacional, serve-se do método misto. Por fim, faz-se a construção de certa *corpora* que será, na última parte do artigo, será analisada.

METODOLOGIA

Este estudo é de abordagem quali-quantitativa.

Os debates sobre as abordagens quantitativas e qualitativas têm gerado discussões sobre suas diferenças, com o objetivo de explicar claramente suas respectivas utilizações. A primeira abordagem utiliza estatísticas para explicar os dados, enquanto a segunda lida com interpretações das realidades sociais (Minayo, 1994).

Alguns esforços têm sido feitos para destacar a pesquisa quantitativa e qualitativa como abordagens competitivas e assíncronas na pesquisa social, com debates controversos sobre a superioridade de uma em relação à outra. No entanto, alguns pesquisadores (como Minayo, 1994) argumentam contra a dicotomia e incompatibilidade entre os estudos quantitativos e qualitativos. Eles defendem que as várias abordagens de pesquisa são igualmente legítimas e não estão necessariamente em conflito. Portanto, a complementaridade entre as abordagens deve ser reconhecida, levando em consideração os diferentes propósitos da pesquisa nas ciências humanas, que não podem ser alcançados por apenas uma abordagem.

Minayo (1994) também destaca que a combinação dos métodos quantitativos e qualitativos aumenta a credibilidade e legitimidade dos resultados encontrados, evitando a redução a apenas uma opção. Entre as contribuições da pesquisa quanti-qualitativa/quali-quantitativa, o autor ressalta que ela combina o controle de vieses dos métodos quantitativos com a compreensão dos agentes envolvidos na investigação dos métodos qualitativos. Além disso, ela permite a identificação de variáveis específicas através dos métodos quantitativos, enquanto oferece uma visão global do fenômeno através dos métodos qualitativos.

A pesquisa também enriquece as constatações obtidas em condições controladas com dados obtidos no contexto natural do fenômeno, e garante a validade e confiabilidade das descobertas através do uso de técnicas diferenciadas. O processo de pesquisa é concebido como

um mosaico que descreve um fenômeno complexo, e as diferentes peças desse mosaico incluem uma variedade de métodos e técnicas, que devem estar abertas a novas ideias, perguntas e dados (Minayo, 1994).

Do ponto de vista metodológico, não há contradição ou falta de continuidade entre as formas de investigação quantitativa e qualitativa. Em relação à epistemologia, nenhuma das abordagens é mais científica que a outra. Daí a importância de sua complementaridade.

Já do ponto de vista operacional, segue-se, nesta pesquisa, o método misto (que aponta para a articulação entre o quantitativo e o qualitativo). De acordo com Cunha Lacerda (2016), a análise qualitativa está mais ligada à perspectiva do pesquisador em relação ao objeto. Segundo Cunha Lacerda (2016, p. 89), essa metodologia permite ao analista "a) identificar a relação entre forma e significado em diferentes níveis, como microconstrução, subesquema e esquema; e b) descrever os contextos de uso em que os construtos linguísticos surgem". Por outro lado, a análise quantitativa se refere à frequência de uso das construções, o que ajuda a identificar padrões de uso, analisar a extensão e a produtividade desses padrões.

Por isso, a autora (Cunha Lacerda, 2016, p. 88) defende que;

[...] o levantamento da frequência de uso, que compreende uma análise de natureza quantitativa, se tornaria fundamental se, por exemplo, nosso objetivo fosse comprovar como os construtos, devido à sua alta frequência, passam a ser reconhecidos na língua como padrões microconstrucionais, que se estabelecem a partir de um pareamento simbólico e convencional entre forma e significado; [...] compreender a extensibilidade dos níveis mais hierárquicos da rede, atestando que, quanto mais esquemático (com maior número de slots) é um subesquema ou um esquema, maior será o número de padrões microconstrucionais sancionados; e [...] verificar que, quanto mais produtivo é determinado padrão microconstrucional, maior é a probabilidade de ele servir de exemplar, a partir do mecanismo da analogização – nos termos de Traugott e Trousdale (2013) –, para a emergência de novos padrões microconstrucionais na língua.

Assim, acredita-se que, neste artigo, o método misto é de grande valia para que se possa promover uma análise do verbo “andar” pelo viés da gramática construcional. Isto porque se faz a busca (quantitativo) da incidência do uso de certas formas da forma e, por fim, faz-se a sua análise (qualitativo).

A constituição do *corpus* desta pesquisa se fez sobretudo a partir da utilização da plataforma *online Corpus do Português: Web/Dialects*, que contém cerca de um bilhão de palavras em português, retiradas de um milhão de páginas da web de quatro países de língua portuguesa (Brasil, Portugal, Angola e Moçambique). O corpus foi financiado pela Fundação

Nacional para as Humanidades dos Estados Unidos (NEH, na sigla em inglês).

É importante destacar que esta análise se baseia nos princípios da Gramática Construcional, para a qual a questão do uso é essencial. Esta é uma abordagem teórica que entende a língua como um conjunto de construções organizadas hierarquicamente e em constante atualização, de acordo com as necessidades comunicativas dos falantes. Nesse sentido, o uso real e efetivo da língua é fundamental para identificar e descrever padrões de construção.

Cabe destacar, foi utilizado, no campo de busca, a seguinte *string*: and*, com o propósito de identificar os vários empregos do verbo andar. Encontrou-se 85.592 frequências, das quais destacar-se-á. Estas ocorrências se dão em blogs, tuítes e outras publicações na internet, evidenciando seu uso.

REFERENCIAL TEÓRICO

As mudanças no padrão construcional

Reporto-me a Oliveira (2016) ele argumenta que o termo "construção" não deve ser apenas compreendido no contexto da pragmática e do discurso, mas também considerado em seus contextos formais e de rede. Ela destaca que as construções têm contextos sintagmáticos específicos e estão relacionadas a nós na rede que permitem o pensamento analógico.

Além disso, fatores contextuais como conhecimento de mundo e cenários sociais também são relevantes. Oliveira (2016) pretende que o contexto é construído principalmente no ambiente linguístico, abrangendo vários aspectos da linguagem, como sintaxe, morfologia, fonologia, semântica, inferência pragmática, modalidade (oral ou escrita) e, às vezes, fatores discursivos e sociolinguísticos.

Assim, Traugott e Trousdale (2013) enfatizam que as construções têm dimensões que as identificam, como tamanho, grau de especificidade fonológica e tipo de conteúdo. Seguindo a perspectiva construcional, o sistema linguístico é organizado como um inventário estruturado de unidades simbólicas e complexas, que compõem o conhecimento do falante sobre a língua. Essas unidades são representadas como uma rede taxonômica de construções, onde cada construção é um nó separado na rede. Essa rede é hierarquicamente organizada, com algumas construções sendo consideradas mais básicas ou gerais do que outras, e as construções de nível inferior herdam os atributos das construções de nível superior.

No contexto da mudança linguística, quando uma construção é usada frequentemente,

ela passa por processos de fixação semântica de padrões regulares, tornando-se mais esquemática. As novas construções emergem a partir da instância frequente de um esquema construcional existente e se expandem seguindo uma direção própria. Portanto, a mudança ocorre quando falantes e ouvintes generalizam as instâncias para formar esquemas representativos do sistema linguístico (Oliveira, 2016).

Com base nessas considerações sobre a noção de construção, a gramaticalização de construções apresenta as seguintes características: (i) forma e significado estão relacionados; (ii) a gramática é concebida como holística; (iii) a gramática é baseada no uso; e (iv) as construções individuais são independentes, mas estão relacionadas em um sistema hierárquico com vários níveis de esquematicidade.

De acordo com Barbosa (2020), se existe uma alteração em um modelo de construção, também existe uma razão subjacente. O uso de pensamento analógico, metáforas, metonímias, inferências sugeridas, a necessidade do falante de se expressar e sua atenção à relação interacional, a subjetivização, são motivos para a criação de novas construções.

Ora, isto quer dizer que se a gramática construcional percebe alterações na estrutura dos termos ao longo da história em razão do seu uso, sabe identificar quais são os fatores responsáveis por tais transformações. É neste contexto que Barbosa (2020), apoiada em autores como Traugott e Trousdale (2013), destacou as razões que se apontou no parágrafo acima.

O pensamento analógico é uma motivação que está por trás dos processos de mudança. Esse processo cognitivo pode ocorrer através do compartilhamento de significados entre diferentes domínios conceituais ou por meio da proximidade entre eles, afirma Barbosa (2020).

Além deste, afirma a autora, há outras motivações, como a Metaforização. Assim, diz Barbosa (2020), sempre que essa transferência de significado ocorre entre diferentes domínios cognitivos, é chamada de Metaforização, um processo de mudança que busca estabelecer uma transição de significados partindo de sentidos mais concretos em direção a outros mais abstratos.

De acordo com Cunha e Oliveira (2015), a Metaforização é considerada o principal mecanismo de mudança de significado. Este mecanismo consiste em utilizar um elemento de uma determinada estrutura para representar um elemento de outra estrutura, operando entre domínios conceptuais distintos. As mesmas autoras afirmam que a abstratização por meio de metáforas ocorre quando algo concreto é usado como conceito-fonte para um conceito mais abstrato.

A Metaforização, por fim, de acordo com Martelotta (2011, p. 81) pode assim ser

definida:

[...] podemos definir esse processo como um mecanismo de transferência entre domínios de conhecimento, que tende a caminhar no sentido concreto > abstrato. O princípio é relativamente simples: utilizamos conceitos mais fáceis de serem conceptualizados e transmitidos comunicativamente para expressão de valores mais abstratos e, portanto, mais difíceis de serem conceptualizados.

Há outros fatores, contudo, responsáveis por tais mudanças identificadas na gramática construcional. De acordo com o mesmo Martelotta (2011) a metonimização, ao invés de se dar entre domínios distintos, se estabelece em proximidade de sentido, entendido como um processo de inferência sugerida. Segundo Barbosa (2020), os mecanismos metonímicos estão relacionados ao discurso e ativam implicações associadas ao material linguístico existente em um contexto sintagmático específico, utilizado em uma situação extralinguística particular.

Na interação, o sentido é construído e negociado pelo falante e pelo interlocutor. É nesse contexto que novos usos podem surgir a partir de implicações conversacionais. Assim, em outras palavras, o locutor sugere diferentes interpretações para que o interlocutor infira o sentido a partir de pistas linguísticas e contextuais. Essa nova interpretação pode permanecer apenas no nível da conversa ou se tornar convencional, incorporando-se à língua.

Segundo Barbosa (2020), então, os falantes e ouvintes negociam sentido de forma interativa, trabalhando com o contexto morfossintático dos elementos linguísticos e com informações extralinguísticas específicas daquela situação de comunicação.

Pode-se lembrar, a este propósito, ainda, o estudo de Cunha e Oliveira (2015) que tratam da afirmam que a metonimização consiste em um princípio de reanálise em que um elemento é conceituado em termos de outro elemento pertencente à mesma estrutura. Esse processo ocorre no mesmo domínio conceptual e é baseado em inferências.

As autoras dizem que esses processos metonímicos estão relacionados à apreensão subjetiva do referente, sendo uma associação conceptual. Pode-se pensar, também, prosseguem as mesmas autoras, que a metonímia é uma transferência semântica por meio da contiguidade e da indexicalidade. Segundo Traugott e Dasher (2005), a metonimização é um mecanismo conceptual em que as inferências sugeridas por associação no fluxo da fala e da escrita se tornam semanticamente codificadas ao longo do tempo.

Já quanto à inferência sugerida, outra das motivações para novas construções, pode-se dizer que esta acontece, de acordo com Traugott e Dasher (2005), durante a interação comunicativa, ou seja, a troca de informações entre o falante e o interlocutor. Nesse sentido,

por meio de implicações conversacionais, o falante convida o interlocutor a deduzir e interpretar novos significados em situações específicas. Os autores afirmam que a inferência sugerida simplifica a comunicação, na qual o falante/escritor evoca implicações e convida o interlocutor/leitor a inferi-las.

Por fim, de acordo com Barbosa (2020), há uma última motivação para que o falante altere as suas construções gramaticais.: a necessidade de expressividade, que está ligada à vontade do falante de ser cada vez mais expressivo. Por isso, o locutor, ao interagir, busca argumentar, convencer, posicionar-se e revelar suas crenças e atitudes. Para cumprir esses propósitos comunicativos, ele utiliza sua criatividade para criar novas construções baseadas em outras já existentes. Deixar sua marca no discurso sobre a proposição é revelar sua expressividade. Essas marcas individuais estão relacionadas à subjetividade do falante, enquanto a forma como ela se manifesta no discurso está relacionada ao processo de subjetivização.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente artigo, como a dissertação de Oliveira (2018), também constatou que o verbo “andar” sofreu um processo de gramaticalização por meio de uma (inter)subjetivização. De acordo com a mesma Oliveira (2018) o caminho histórico percorrido pelo verbo seria, então, o seguinte. Começa-se como verbo pleno, passa-se a verbo funcional e termina como verbo auxiliar.

É possível, assim, a partir da análise do *corpus* identificar ao menos 5 tipos de “verbo” andar de acordo com o seu grau de (inter)subjetivização.

O primeiro deles, ou **tipo 1**, teria uma acepção de “caminhar”. Seu sentido é, portanto, mais concreto. Ele está, então, no espectro oposto da abstratização. O **tipo 2**, por sua vez, que, em geral, é acompanhado “de carro”, ou “de ônibus”, isto é, a partir de um veículo, também possui, é verdade, um sentido concreto. Todavia, se se coloca em uma perspectiva de comparação com o **tipo 1**, o que se percebe é que o segundo tipo já caminha em direção de uma abstratização. O **tipo 3**, então, que se caracteriza pelo uso do verbo andar + o nome de uma peça de vestuário ou objeto, por sua vez, tem uma característica ainda mais abstrata, distanciando-se do **tipo 1**. Já o **tipo 4** tem como principal característica a utilização do verbo andar + o uso de algum predicativo, indicando, às vezes, um estado. Ocorre, por exemplo, quando se diz “Ando calmo”. Perceba-se que, aqui, a abstratização é quase completa. Por fim, o **tipo 5**, cujo grau de (inter)subjetividade é muito maior que nos demais, dá-se quando se utiliza

o verbo andar seguido de algum outro verbo no gerúndio, caracterizando-se, assim, o máximo grau de abstratização.

Percebeu-se certa linearidade, como afirma Oliveira (2018), no processo de abstratização do verbo “andar”, o que se encaixa nas considerações da gramática construcional. Tal processo de abstratização, destaca-se, é mediado pela Metaforização, afirma Oliveira (2018).

De acordo com a mesma autora, a abstratização por meio de metáforas está relacionada à forma como os seres humanos compreendem e conceituam o mundo ao seu redor. Experiências humanas mais simples são consideradas entidades concretas e servem como base para a compreensão de conceitos mais abstratos.

Oliveira (2018) argumenta que esse processo de abstratização por meio de metáforas é estruturado em áreas específicas da experiência, utilizando esquemas de imagens básicas do corpo humano. Além disso, no processo de gramaticalização, os conceitos de base participam da manipulação de conceitos concretos, sendo que as partes do corpo humano são consideradas as fontes mais básicas.

Assim, um item em processo de gramaticalização passa por uma mudança semântica em que há perda de conteúdo semântico e ganho de conteúdo gramatical, motivado pela metáfora. Esta é o elemento central no processo de gramaticalização, pois permite a extensão de espaço e tempo no texto, possibilitando a organização do discurso (Oliveira, 2018).

Quanto ao *corpus* analisado, foi possível descobrir ocorrências para cada um dos tipos levantados por Oliveira (2018).

Logo, quanto ao **tipo 1** Oliveira (2018, p. 75) caracteriza desta forma:

Andar 1 (com sujeito agente expresso por nome animado seguido ou não de um locativo)⁴³: o verbo “andar” é utilizado com a acepção de “caminhar”, a qual, comparada às próximas acepções, possui um sentido [+ concreto], uma vez que indica uma ação que é fisicamente realizável pelo indivíduo.

Quando investigado, descobriu-se, no *corpus*, diversos exemplos deste tipo de construção, como ocorre em: “Parece ser algo muito difícil de fazer, temos que **andar** por cima da água” (Exemplo 1). O verbo “andar”, aqui, tem a clara acepção de caminhar, o que caracteriza a sua concretude.

Quanto ao **tipo 2**, Oliveira (2018, p. 78) como aquele que também:

apresenta um sentido[+ concreto], uma vez que é utilizado com a acepção de se deslocar por uma extensão físico-temporal. No entanto, tal uso do verbo

“andar” se diferencia do primeiro por ser uma ação realizável por meio de um veículo.

O *corpus* revelou diversos exemplos deste emprego do verbo “andar”, como é o caso de:

- **Andar de bicicleta** é uma das atividades que deixamos para trás (Exemplo 2).
- **Andar de bicicleta** é uma atividade simples, mas que proporciona diversos benefícios (Exemplo 3).
- **Andar com pneus** sem realizar manutenção adequada é perigoso (Exemplo 4).

Resta claro, nestes exemplos, o emprego do verbo “andar” ainda na acepção do de deslocamento no espaço e no tempo, mas a partir do auxílio de algum veículo, dando início a um processo de abstratização.

O **tipo 3** representa uma progressão no sentido da (inter)subjetividade, da abstratização, de forma que corresponde, como já se determinou, ao emprego do verbo “andar” em conjunto com uma peça de vestuário ou objeto, denunciando um processo de Metaforização. É o caso do exemplo 5 que ocorre no *corpus*: “Se quiser **andar fardado**, entre na PM”. O exemplo 6 e o exemplo 7 também demonstram o mesmo: “**Andar descalço** sobre uma superfície lisinha”; “Você pode **andar de joias e rolex** nas favelas e assaltos são raros”.

O **tipo 4**, então, tem um sentido muito mais abstrato uma vez que é seguido de um predicativo. Isto significa dizer que se indica, neste caso, um estado. Daí a progressão da (inter)subjetividade. Veja-se o que ocorre no exemplo 8: “Podem porventura **andar tristes** os filhos das bodas, enquanto o esposo está com eles?” O exemplo 9 indica o mesmo tipo de expressão de estado: “Podemos **andar humildemente** quando evitamos o orgulho”.

O **tipo 5**, por fim, representaria o ponto máximo de abstração, quando ao lado do verbo “andar” se coloca outro verbo no gerúndio. De acordo com Oliveira (2018, p. 87), neste caso:

o verbo “andar” é utilizado para medir um período de duração de uma ação. Neste caso, percebemos que, apesar de não denotar uma avaliação ou constatação da realidade, o andar 5, assim como andar 4, indica um deslocamento temporal, mas não enfoca espaço e possui a função de atualizar o aspecto da ação verbal.

Foi possível identificar no *corpus* exemplos como os de número 10 e 11: “**Andar usando** um guarda-chuvas de paraquedas”, ou ainda, “Não aguento mais ver minha filha louca **andar pedindo** mãozinha para a gente ter um apoio”.

O que se percebeu, então, ao longo dos exemplos listados é que, de fato, eles

correspondem a um processo de (inter)subjetividade por Metaforização, transformando o sentido do verbo “andar” de uma origem mais concreta para uma mais abstrata.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo fez-se, em um primeiro momento, uma caracterização, ainda que breve, do que seria a gramática construcional e da sua importância como ferramenta para compreender a evolução das construções gramaticais. Percebeu-se que tal processo se pode caracterizar, sem lugar a dúvidas, pelo uso, motivo pelo qual se buscou no *corpus* alguns exemplos que atestassem as transformações do verbo “andar” ao longo do tempo, sobretudo pelo expediente da Metaforização

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Leila da Silva. **Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial”:** Uma proposta de rede construcional a partir da **Linguística Funcional Centrada no Uso**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2020.

CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da; OLIVEIRA, Nathália Félix. Abordagem construcionista na gramaticalização: perspectivas e contribuições. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSARIO, I. C. (Org.) **Linguística centrada no uso - teoria e método**. 1 ed. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj, 2015. p. 51-62.

FERNANDES, F. A. **Sintaticização e semanticização das construções andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do português paulista**. Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

MINAYO, Maria C. Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Nathália F. **O desenvolvimento de verbos volitivos na Língua Portuguesa: uma abordagem construcional**. Tese de Doutorado. Juiz de Fora: UFJF, 2016.

OLIVEIRA, Malvina Maria. **O verbo andar e sua formação de perífrase atualizadora de**



aspecto no português. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2018.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change.** New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.